

EM TORNO DO INFANTE DOM LUÍS E DE LUÍS DE CAMÕES

por
FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO

Que entre os meus escritos camoneanos, eu venha agora tratar também do Infante D. Luís, quer dizer que encontrei ou pressuponho já variadas razões, quanto a biografia e quanto a obra, para ligar o Poeta ao Príncipe.

Não é sobre estas que vou deter-me essencialmente, mas sim sobre alguns aspectos, que têm estado na sombra, da figura de D. Luís e sobre questões de autoria que lhe dizem respeito.

Que escreveu o Infante? Possivelmente os sonetos que lhe são atribuídos por Faria e Sousa e outros, eventualmente também por Carolina Michaelis, sobre o tema Babel e Sião sobretudo, e que se tocam — é importante sublinhá-lo — com as décimas de Camões sobre este tema, não no poema integral, mas só na segunda parte, o que também é importante notar, para sublinhar a real fractura que existe entre as duas partes de *Babel e Sião* de Camões. Assinalada por Carolina Michaelis, eu defino esta fractura como a que separa o contra-canto do cativo do Israelita (a 1.^a Parte) do canto do Alquimista (2.^a Parte)¹. Quanto a D. Luís, além deste soneto de negação

¹ É também muito importante sublinhar o facto — que se sente na leitura de *Babel e Sião* — de a versão recentemente publicada por Haskins, no Cancioneiro quinhentista de Cristóvão Borges, apenas apresentar a

do Mundo (a Babel cantada neles é a mesma que Frei Heitor Pinto teoriza no *Diálogo do Solitário*, por exemplo), é-lhe atribuído um *Tratado sobre Medidas* e outro sobre Matemática. Assim rezam os dicionários bibliográficos (de Nicolau António, Barbosa Machado, Inocêncio) e alguns outros autores. Porém, qual o título dado a essa tal obra dita de Matemática? *Tratado da Quadratura do Círculo*. Que alguns estudiosos se contentem com engolir a *Quadratura do Círculo* apenas como questão matemática só prova que nada entendem de esoterismo. Trata-se de uma questão cuja relevância pertence à filosofia esotérica, nomeadamente a Alquimia.

primeira parte das Redondilhas, reforçando assim, a hipótese de elas terem nascido dessa forma e de, posteriormente, ou por responsabilidade do Poeta ou de outrém, terem sofrido a junção de outro texto, de temática aparentemente similar. Será um texto acrescentado pelo Poeta ou terá alguém feito a junção dos dois textos num cancionero de mão, o que ter-se dado, era prática corrente?

Que o poema tem sofrido tratos de polé demonstra-o o facto de uma das décimas aparecer com quinze versos, na primeira edição (aliás apresentando-se a paginação, nessa zona do livro, muito gralhada, o que pode eventualmente significar que esses oitavos foram mexidos à última hora). Mais curioso ainda é notar que a décima de quinze versos é a que contém precisamente a referência a Cristo. E também é curioso verificar o jogo de empurra que tal «gralha» ocasiona nas edições subsequentes; acertam-se as décimas e começa a sobrar uma quintilha, no fim do poema, até que uma edição resolve dissolver o esquema estrófico de décimas e apresentar uma sequência de quintilhas, que vem até hoje e onde não se nota sobrar nada. A verdade é que o manuscrito do Escorial (publicado por Maria Isabel Ferreira da Cruz, *Novos Subsídios para uma Edição Crítica da lírica de Camões. Os Cancioneiros inéditos de Madrid e do Escorial*, Porto, Centro de Estudos Humanísticos, 1971) também apresenta as estrofes em quintilhas, o que denota oscilação quanto à forma a adoptar, na época, muito embora a forma preferencial das redondilhas camoneanas seja, na primeira edição, a décima. É importante também verificar que neste manuscrito, surge na margem do texto, no momento em que o leitor sente a tal passagem a um «segundo» texto, uma pequena nota: «prosssegue a lo divino». Uma nota deste teor não assegura a continuidade intrínseca da Lírica (e daqui para diante as interpretações do poema) terá de ter em da lírica (e daqui para diante as interpretações do poema) terá de ter em

É interessante verificar que numa obra quinhentista sobre ditos célebres, os *Ditos Portugueses* (Cod. 666 da BNL) — obra para a qual, embora só agora publicada, foi Henrique Lopes de Mendonça que chamou a atenção — vem atribuído ao Infante D. Luís, precisamente, a definição de três coisas ideais, que levam os homens ao que será *busca fundamental*: «Três cousas que não há no mundo andando as os homens a buscar, acharam muitas muito proveitosas, a saber, a roda viva, a Alquimia e a honra» (D. P., f. 14).

O famoso testamento espiritual do Infante, uma curta declaração de princípios, que terá proferido à hora da morte e que se encontra copiada em vários cancioneiros de mão, como por exemplo o de Franco Correia, revela, bem lido, que a heterodoxia atravessou a existência desse peregrino de Santiago que foi o Infante. É o seu biógrafo D. José Miguel João de Portugal (Vimioso) — *Vida do Infante Dom Luís*, Lx., Of. Ant. Isidoro da Fonseca, 1735 — que refere a ida do Infante a Santiago de Compostela, que sabemos ser o centro místico por excelência, geográfico ou simbólico, dos espíritos ligados a místicas e filosofias de teor alquímico, dos primeiros Maçons, Templários, etc.

A contrição à hora da morte e os termos em que é expressa pressupõem que, em vida, o Infante D. Luís, não seria tido, nem primaria por ortodoxo. Aliás, o mesmo indica o seu apego à figura de Inácio de Loyolla — que o biógrafo sublinha —, na altura tão incompreendido pela ortodoxia, (porque, como evidencia Menendez Pelayo, *Hist. de los Heterodoxos Españoles*, Madrid, Imp. F. Maroto y hijos, 1880-81 — de facto, na perspectiva dessa ortodoxia, ele ultrapassava-a filosoficamente até chegar, nos seus escritos, a uma mística superior, então de cariz herético) e, mais tarde, a ligação aos monges de S. Francisco — reservou para si, para retiro, uma pequena cela, na ermida da Arrábida, uma vez que por razões de Estado não

conta que a mancha manuscrita das Redondilhas tem uma ocorrência mais densa na primeira parte do poema do que na segunda.

lhe foi consentido professar. É conhecido o papel que os franciscanos tiveram como fonte de heterodoxia.

Devo dizer que o Infante D. Luís está muito pouco estudado, não tendo, por isso, sequer entrada própria no aliás precioso *Dicionário de Literatura* de Jacinto do Prado Coelho. Uma achega relativamente recente, Robert Ricard, «Pour une monographie de l'Infant D. Luis de Portugal», in *Charles V et son temps*, Paris, CNRS, 1959, lamenta justamente esta circunstância, que para mim se torna relevante, ao conduzir Luís de Camões até à Casa de D. Luís (corre, há muito, que foi seu companheiro juvenil na expedição à Goleta, que o Infante organizou em Évora) e à sua roda espiritual (embora aí temporariamente, creio), imaginando, até, *Filodemo* (que em pontos do texto se toca com *D. Duardos*, que irei reatribuir ao Infante) nas brilhantes festas pelas quais D. Luís era celebrado² — e uma vez que se tornou para mim suspeito, ao estudar a figura do governador Francisco Barreto e a sua acção como governador «piedoso e católico»³ em cujo triénio, veio para Lisboa

² Pedro de Alcáçova Carneiro, *Lembrança que o Conde Pedro de Alcáçova mandou ao Cardeal da Vida do Infante Dom Luis* (Mss., BNL).

³ *Oriente Conquistado ... pelos padres da Companhia de Jesus, Ordenada pelo Padre Fr. de Sousa*, Of. V. da C. Deslandes, 1710. Nesta obra são narrados também, os incidentes de Cochim e Goa.

São unânimes os vários autores que tratam do proselitismo de Fr. Barreto. Vejamos, por exemplo, Pedro de Mariz: «E foi este seu triénio felice & bem afortunado na propagação do evangelho: porque assi os padres da Companhia como os mais religiosos faziam tão grande fruto nesta santa obra, que se não passava dia que se não fizessem muitos bautismos e havia muitos que só em Goa se bautizavam dez mil pessoas [a controversa questão dos baptismos colectivos], a que sempre o Governador se achava presente & o necessario ministrava com real liberalidade.»

Embora exista uma carta do P.^o D. Gonçalo da Silveira em que se queixa amargamente dos obstáculos postos por Fr. Barreto à prisão dos cristãos novos (Bertha Leite, *Dom Gonçalo da Silveira*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1946), constata-se que o Governador foi neutralizado, uma vez que os cristãos novos vieram de facto para Portugal. Curiosamente, no *Oriente Conquistado*, diz-se que o Governador, ao assumir certas

a primeira leva de cristãos-novos e judeus de Cochim e de Goa (questão que terá a ver directamente com Luís de Camões, hipótese da investigadora Maria Antonieta Soares de Azevedo, colocada a propósito do «retrato da prisão») que *Filodemo*, peça de tese esotérica e altamente herética, o que a versão manuscrita ainda mais acentua (no Cancioneiro de Luís Franco⁴), haja sido representada perante este Governador e na Índia, pois que não tem cor local, muito pelo contrário evidenciando uma cor local, chamemos-lhe assim, explicitamente alentejana⁵.

Regressemos ao Infante e recordemos que Faria e Sousa não diz dele o que os outros biógrafos repetem, tornando-se assim a sua informação preciosa, pois se coaduna com a substância do pensamento que é possível detectar num peregrino de Santiago, autor de um Tratado da Quadratura do Círculo e apologista expresso da busca alquímica. Num pequeno canhenho bibliográfico, talvez para uso próprio «de algibeira» (António Cirurgião já refere este pequeno livro manuscrito in *Fernão Álvares do Oriente*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1976), e que é bem de Faria e Sousa, se dúvidas houver, pelo característico e irreprimível tom de facécia que salta, por vezes, entre os dados bio-bibliográficos, encontro, entre outras referências muito interessantes a outros autores, a única indi-

drásticas medidas posteriores, se quisera limpar de outras atitudes no início do seu triénio, o que é significativo.

⁴ Já Salgado Júnior (*Obra Completa de Luís de Camões*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1963), realiza um cotejo entre o manuscrito e a 1.ª edição. (P. M., *Diálogos de vária história ...*, Coimbra, Of. António de Mariz, 1594).

⁵ Apoiada em várias razões, entre as quais esta, tenho vindo a insistir que se pesquise no sentido de descobrir em Évora e nos Camões de Évora a chave da biografia do Poeta, Luís de Camões *tout court*. Esta chamada de atenção ao nome significa que deverá ser posto «em suspenso» o documento do perdão, *único texto* em que se menciona Vaz, não se sabendo se se refere ao Poeta, tanto mais que se conhece a existência de um seu parente, notário em Lisboa, com o nome Luís Vaz de Camões.

cação bibliográfica explícita à cultura esotérica do Infante: o ser versado em Astrologia.

E qual a heterodoxia, que atrás referi? Quais os seus aspectos? Creio tratar-se de algo sincrético que tem laivos de *alumbramiento* e que se pode, também, ligar à ideologia (próxima) e à prática dos Fiéis do Amor, fidelidade que, como veremos, o aproxima de Luís de Camões. Sabemos que o desejo efectivo de despossição (a perda do mundo exterior) tomou o Infante, em certo momento da sua vida, desfazendo-se de grande parte dos seus bens e do pessoal de sua casa.

Ora bem, e continuando a referir-me, aos escritos de D. Luís, penso que será de reconsiderar fortemente a sua autoria da peça D. Duardos, que aliás, lhe foi sempre atribuída pelos primeiros bibliógrafos, *o que é importante*, e pelo biógrafo. Todos são unânimes em afirmar que esta peça saiu entre as de Gil Vicente porque a este foi dada a representar pelo Infante. A questão tem sido debatida por alguns, pensando eu que é de ter em conta, como base, o dado histórico (que são essas bibliografias) e juntar-lhe um dado, digamos interior, perspectiva sobre o conteúdo da peça, o que não tem sido tentado. É patente a alta filosofia que se exprime nela de ponta a ponta; trata-se de uma demonstração da *visão intuitiva* alumbrada, esse «nunca ver de vista / y ser presente la ausencia» que procura, através da raiz gnóstica do genuíno *alumbramiento*, na mulher, uma *via* para *alumbrar-se*: «Por los ojos piadosos / que te vi neste lugar / tan sentidos / clarificos e lumbrosos / dos soles para cegar / los nacidos / que *alumbres* mi corazon / o Flerida, diosa mia». *Alumbrar* o coração, e não o entendimento, é um item teórico dos *Alumbrados*, que preconizam a união intuitiva com Deus, sendo Deus Amor.

Assim, quanto à Cavalaria do Amor e ao seu Templo, que também é referido na peça — peça que é, também, um conjunto de episódios alegóricos sobre o trabalho alquímico, sendo, nela, claramente nomeada, aliás, a *via* — lembremos a pergunta de Flérída a D. Duardos: «Aonde hallaste osadia?» Resposta:

«En el Templo del Amor / sobre el Altar»⁶, perante o qual «muchos son enamorados / e muy pocos los escogidos», alusão nítida e muito significativa ao apelo contido nos Evangelhos transposto para o Fiel ou para o Adepto, e ao qual tem sido atribuído, nas leituras esotéricas que ele sempre suscitou (do catarismo à Maçonaria), o sentido preciso de referência ao carácter restrito e de eleição do estado do Iniciado. (V. Adolphe Bertet, *L'Apocalypse du bienheureux Jean dévoilé*, Chambéry, Imprimerie Ménard, 1870)⁷.

Não encontro o muito alto voo filosófico desta peça em Gil Vicente. *Amadis de Gaula*, a que mais se lhe pode aproximar assim como outras tragicomédias, embora por vezes possam não andar longe deste ideário não teorizam com tão surpreendente finura princípios filosóficos, articulam, de preferência situações mais ou menos tipificadas com nítido propósito de pragmática satírica.

Tem sido apontada uma clara aproximação entre o final de *D. Duardos* e o de *Filodemo*, aproximação que existe, de facto e sobretudo, se atentarmos no final da versão manuscrita de *Filodemo*, que proclama o reino de Amor e Fortuna neste mundo, final evidentemente mais próximo do «texto camoniano» (isto é, do espírito da sua letra) do que o da versão

⁶ Quanto a Templo do Amor, lembremos o Templo da *Vita Nuova* de Dante e, também, o Templo similar daquele soneto de Camões (que já tem levado comentadores a localizá-lo da Igreja das Chagas!) que começa: *O culto divinal se celebrava*. Também para D. Duardos, aliás, a *vida nova* é uma exigência, ao ser-lhe dito que, para alcançar Flerida, «cumpleos mudar de vida», tornando-se, então, na primeira aparência, Hortelão, e na segunda aparência, escavador nocturno de um tesouro, sendo, na realidade, duplo buscador — o que ambas as tarefas apontam simbolicamente —, da iluminação através do Amor e da prática esotérica da manipulação que pode conduzir à Obra Filosófica.

⁷ Para quem tiver o grego no «ouvido», como naqueles tempos, o termo «os escolhidos» pode aludir directamente a uma *seita*, uma vez que há conexão entre *αἰρεομαι* (escolher) e *αἵρεσις* (hairesis — seita, herético). V. *The new International Dictionary of New Testament Theology*, ed by Colin Brown, Exeter, The Paternoster Press, 1975.

impressa, que, pela comparação, se pode supor censurada. Existem, também, vários contactos pontuais, ao nível de frases, canções, etc. o que pelo menos, aponta, para uma actualidade comum ou hábito de ouvido (como qualquer modismo da retórica das *linguagens do dia*, de hoje). Diz Flérida: «Ya me di a la *ventura* / mi señora / ... quiero que sepa la mar / que el *amor* es el señor / de este mundo». E embarcam-se os amantes, após o patrão da nau dizer: «es la hora», frase que — divago um pouco — vem ecoando, pela *outra face na nossa História*, até Fernando Pessoa (para este consulte-se um dicionário de termos maçónicos).

O debate sobre a Cavalaria do Amor e o *amor presente* ou *ausente*, que se encontra no início de D. Duardos, é paralelo do debate entre Dorianos e Filodemos sobre amar *pela passiva* ou *pela activa*, de *Filodemo*. Neste, o texto nomeia, mesmo, quem não é *hereje de amor*, o que leva a concluir, por exclusão, que é *Fiel do Amor*. Aliás, também uma das cartas atribuídas a Luís de Camões, na edição das *Rimas* de 1598, enuncia esse que não é *hereje do amor* e que é, no caso, o autor. Também a expressão surge em Gil Vicente, mas o contexto não me permite entendê-la como inserida na teoria dos Fiéis do Amor, levando-me este facto a pensar que seria também expressão corrente, proveniente da circulação entre os Fiéis e de seus textos e que surge em alguns textos como referência «vazia» e noutros, no dos Fiéis, com inserção teórica⁸.

E qual, porventura, o lema destes Fiéis portugueses (Vd. Sampaio Bruno, *Os Cavaleiros do Amor* e Guenon, *O Esoterismo de Dante*, Lisboa, Edições 70, 1978). Aventuro-me a pensar que será *ardens amor*, o amor ardente (arder, luz) do soneto de Camões e de *Os Lusíadas* (C. IX, e. 49). Trata-se de um dístico que, ambigualmente ou não, se aproxima da insígnia de Heitor Pinto: uma galinha e um pinto envolvidos

⁸ Julius Evola dá relevância política à seita dos Fiéis, tendendo a identificá-la com ou a inseri-la no movimento Gibelino. (J. E., *El Misterio del Grial*, Barcelona, Plaza y Janes, 1977).

pela expressão *Fervens Amor* (na 1.^a edição dos Diálogos). A Frei Heitor Pinto já aludi, aproximando «a segunda parte» das redondilhas Babel e Sião do *Diálogo do Solitário*. Se, numa das interpretações possíveis, pensarmos numa alusão à relação Madre Igreja e seus filhos, imediatamente nos corre também quanto a noção de Madre Igreja (ideia de uma comunidade mística *praticante*) era relevante para os seus Fiéis do AMOR⁹, sendo para eles o fecho da comunidade mística, uma vez que ROMA traíra esta pelo gozo dos bens materiais. Mas estou a afastar-me, num quase divagar, ou talvez não. E talvez me estivesse já a afastar, quando chamei aqui Frei Heitor Pinto, ou talvez não. Este, o grande comentador dos Profetas, também discípulo de Pedro Nunes como o Infante D. Luís, será o Frei Heitor que surge entre os moradores da *Casa* de D. Luís (Carvalho Dias, *Fr. Heitor Pinto*, Coimbra, Universidade, 1953) e é o fiel partidário do filho de D. Luís e de uma Judia, D. António, sendo preso e desterrado, por Filipe II, para Espanha, podendo mesmo ter sido morto aí (tal como demonstra documentalmente a obra citada).

Voltando directamente ao Infante, quero ainda lembrar que se deverá reler a substancial carta que lhe é dirigida por Mestre Lourenço de Cáceres, onde lhe envia matéria vária para meditação, por não poder, como diz, aceder ao convite de passar o inverno com o Infante, em Coimbra, proporcionando-lhe, assim, um íntimo e doméstico magistério. O que é enviado ao Infante para meditação? Uma curiosa e hábil mistura de questões, onde se amalgamam ortodoxia, heterodoxia, meditação teológica e esotérica (António Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica da Casa Real*, V, II, 2.^a parte).

Volto ao início deste texto, afirmando que pretendi dar uma breve pincelada da figura de um Infante, que é ignorada

⁹ Lembremos que para a Cavalaria do Amor, a palavra AMOR invertia ROMA, com intenção crítica, em relação à temporalização de Roma. Lembro que em Camões, num texto publicado na edição de 1668 das *Rimas*, o ABC por *motes*, esse jogo é apresentado assim: «Roma o mundo sujeita / Com armas, saber, temor; / Vós a mim só por amor».

deste modo, faceta que me permite supor um fio de entendimento espiritual entre ele e Luís de Camões, aproximação que já referi (*O Jornal*, 4/I/80). Aproximação entre dois poetas, afinal, e desde sempre, também díspares: o Príncipe — príncipe de quem, por fim, Luís de Camões se terá afastado, como parece indicar a carta a que já aludi, em que se queixa da ingrata inimizade de príncipe(s) *de condição* — e o Perdigão, se nos aventurarmos, também a ver neste poema da mesma carta (revertendo aqui para Camões o que noutra versão é dirigido a um amigo), uma auto-descrição do Poeta nesta ave do Alentejo, que é, simbolicamente, ave diabólica (Cirlot, *Dicionário de Símbolos*). Que Camões se denominava e foi chamado Demo e Diabo também já o referi em *O Jornal*, *ib.* e o desenvolverei oportunamente em análise a *Filodemo*. Para já, deixemos suspenso no Perdigão e no Príncipe, um momento hipotético ¹⁰.

Lisboa, Agosto, 1980.

¹⁰ Em nota final lembro que o gosto do Infante pela Alquimia e a alegoria do trabalho alquímico que encontro em *Dom Duardos* são paralelos do significado alquímico que detectei em *El-Rei Seleuco* de Luís de Camões (Vd. *Brotéria*, Nov. 1980). Nesta peça, considere, além disso, como personagens históricas existentes os Escudeiros, nomeadamente Martim Chichorro, que inseri na família Sousa Chichorro, onde há vários Martim. Posteriormente já a esse escrito, verifiquei que no processo do P.^e António Gouveia, acusado de alquimista, em 1567 (Vd. *Archivo Hist. Port.*, v. VIII), é dito que os fornos de alquimista se encontravam em casa da irmã de Martim Afonso de Sousa (Chichorro, como se sabe), declarando o Padre que com este por vezes conversara.